

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS

THATHIANA VALESCA LEITE FERREIRA BELO

**UMA LEITURA FEMINISTA DA TRADUÇÃO DO CONTO “LOVE AND SEX
AMONG THE INVERTEBRATES”, DE PAT MURPHY**

MACEIÓ

2021

THATHIANA VALESCA LEITE FERREIRA BELO

**UMA LEITURA FEMINISTA DA TRADUÇÃO DO CONTO “LOVE AND SEX
AMONG THE INVERTEBRATES”, DE PAT MURPHY**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Letras da Universidade Federal de
Alagoas como requisito para a graduação no
curso Letras-Inglês.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ildney Cavalcanti

MACEIÓ

2021

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

B4521 Belo, Thathiana Valesca Leite Ferreira.
Uma leitura feminista da tradução do conto “*Love and sex among the invertebrates*”, de Pat Murphy / Thathiana Valesca Leite Ferreira Belo. – 2021.
33 f.

Orientadora: Ildney Cavalcanti.
Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Letras - Inglês) – Universidade Federal de Alagoas. Maceió.

Bibliografia: f. 32-33.

1. Língua inglesa - tradução. 2. Gêneros (Grupos sociais). 3. Ficção científica. 4. Autoria - Mulheres. 5. Murphy, Pat, 1955-. I. Título.

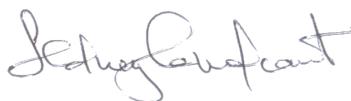
CDU: 821.111(73)-3

Folha de Aprovação

THATHIANA VALESCA LEITE FERREIRA BELO

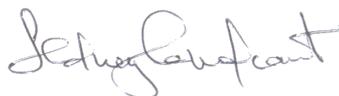
UMA LEITURA FEMINISTA DA TRADUÇÃO DO CONTO “LOVE AND SEX AMONG THE INVERTEBRATES”, DE PAT MURPHY

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do título de licenciada em Letras - Língua Inglesa e suas Literaturas pela Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 30 de setembro de 2021.



Profª. Drª. Ildney de Fátima Souza Cavalcanti, Ufal - Orientadora

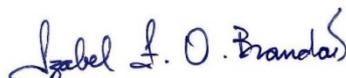
Banca Examinadora:



Profª. Drª. Ildney de Fátima Souza Cavalcanti - Ufal (Presidente e Orientadora)



Prof. Dr. Daniel Adelino Costa Oliveira da Cruz - Ufal (Examinador)



Profª. Drª. Izabel de Fátima de Oliveira Brandão - Ufal (Examinadora)

GRATIDÕES

Sou muitíssimo grata a Deus que fez parte dessa longa trajetória, apesar da minha definição de ser supremo ter mudado durante a graduação, ele foi importantíssimo nessa caminhada. Gostaria de agradecer imensamente a minha mãe e ao meu pai, por sempre acreditarem em mim e tentarem dar o melhor para que eu tenha uma vida o mais confortável possível, amo muito vocês. Agradeço à Lauricleide Albuquerque, que me cedeu seu teto para que eu tornasse meu, por tanto tempo. Esse presente tornou as idas e vindas da Ufal menos longas e dolorosas.

Durante esses anos de faculdade eu conheci diversas pessoas maravilhosas e não poderia deixar de citá-las: aproximei-me e me distanciei de várias; e aprendi que a vida é feita de ciclos. Agradeço à Danielle Lima, que esteve comigo em diversos momentos primordiais, que me possibilitaram chegar até aqui. Obrigada também à Débora Reis, que foi importante em tantos outros. Sou grata à Letícia Romariz, Lucas França e Magna Falcão, por termos nos unidos, nós quatro, desde o início e tornado essa jornada menos dolorosa. Agradeço às amigas, amigos e colegas da turma 2015.1, sobretudo ao Raul, que grudou em mim e nunca mais soltou, obrigada por ser tão presente; à Waldenia Silva, companheira de coxinha e de longos dias na Ufal; à Arlete Romeiro, que me ensinou o quanto é possível ser doce e gentil. Muito obrigada, Luciano Duarte, pelas leituras minuciosas e cansativas desta monografia, por sempre ser presente e mostrar que quilômetros de distância não são nada para quem quer está perto. Muito obrigada, Stanley da Cruz, por toda a ajuda nesses anos, que foram recompensadas com fotos das minhas gatinhas, nunca conseguirei agradecer por tanto. Paula Juliana, parceira de PIBIC e amiga, sou grata por todo companheirismo. Ringo Star, obrigada por me ensinar a importância da perseverança. Ednelson Júnior, agradeço por toda paciência em responder minhas dúvidas sobre de formatação de texto. Sou grata também ao grupo de pesquisa Literatura & Utopia que, além das contribuições acadêmicas, acolheu-me com tanto carinho, especialmente à Analice Leandro, que me acolheu com o coração. Sou grata a tantas pessoas que apareceram no meu caminho e que não poderei citar, pois ficaria uma lista imensa e com certeza, esqueceria nomes, sintam-se todas e todos abraçadas/os, sou profundamente grata de coração.

Esses quase sete anos, após três greves e uma pandemia, só foram possíveis por ter tido pessoas tão especiais ao meu lado. Faço menção especial às minhas amigas de alma, que conheci na graduação: Letícia Romariz, que segurou minha mão nos piores e melhores momentos e me mostrou que não eu estava sozinha; e Letycia Aleixo, minha companheira de

tantos momentos na Ufal: palestras, aulas, projetos; sua presença deixava tudo mais leve, você é o meu pontinho de calma, sou grata por cuidar tanto de mim.

Todas/os professoras/es na minha graduação foram primordiais para minha formação, mas citarei e agradecerei algumas e alguns. Andrea Pereira, obrigada por ter acreditado em mim lá no começo e ter permitido que eu fosse monitora bolsista em dois semestres. Aprendi tanto sobre letramento como a lidar com alunas e alunos. Jadir Pereira me ensinou sobre o poder de contar uma boa história, principalmente se forem histórias de mitologia grega. Eliane Kefalás me ensinou como pode ser prazeroso ensinar literatura e também sobre as diferentes formas de performar a leitura de um poema. Susana Souto me ensinou como a vida pode ser leve e feliz com a literatura, suas aulas foram um alento para minha alma. Izabel Brandão me ensinou sobre feminismo e estudos de gênero, apresentou-me Virginia Woolf, que fez renascer meu desejo de ter um teto todo meu. Daniel Costa Cruz, professor com quem mais cursei disciplinas na graduação, sou grata por acreditar em mim tantas vezes, quando nem eu acreditei. Se hoje eu escrevo regularmente, com introdução, desenvolvimento e conclusão, foi graças as suas aulas, que me ensinaram não só inglês, mas ensinamentos que levo para a vida. Agradeço por me mostrar a importância de ser gentil e de, sempre que possível, ter um sorriso no rosto.

Sou imensamente grata a minha orientadora Ildney Cavalcanti, por ter acreditado em mim. Lembro-me de suas aulas no terceiro período na eletiva Literatura, Utopia e Distopia, ensinava literatura com tanta paixão, que eu decidi que queria isso para minha vida. Agradeço por tantos anos de parceria, PIBIC, pesquisas e projetos. Obrigada por me ensinar que a área acadêmica não precisa ser algo imparcial, que, antes de eu ser aluna, sou humana.

Como cotista, não poderia deixar de agradecer a ex-presidenta Dilma Rousseff que, em seu mandato, tornou lei as cotas nas universidades, possibilitando a entrada de tantas pessoas de escola pública e pessoas negras. As cotas fazem com que a desigualdade diminua e o acesso à universidade seja mais justo. Agradeço profundamente ao CNPq, que financiou minhas pesquisas do PIBIC, possibilitando que este estudo pudesse ser realizado. Assim como Woolf escreveu em 1929, "uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever [...]". Esta monografia só se tornou possível por eu ter conseguido essa liberdade, um teto todo meu e condições financeiras. Agradeço a tantas que estiveram antes de mim, abrindo caminhos para que a minha luta fosse menos dolorosa. Continuarei lutando para que as que vierem, para que sofram menos e consigam enxergar além.

É preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre mulher e traga as mulheres à escrita, de onde elas foram tão violentamente distanciadas quanto foram de seus corpos; pelas mesmas razões, pela mesma lei, com a mesma letal finalidade. A mulher precisa se colocar no texto – como no mundo, e na história –, através de seu próprio movimento.

Hélène Cixous (2017)

RESUMO

Este estudo parte da observação da invisibilidade da escrita literária por autoras, sobretudo no gênero da ficção científica, e da ainda incipiente tradução e crítica literária acerca dessa produção. Meu objetivo é apresentar uma análise da tradução – ainda inédita e realizada por Elton Furlanetto – do conto distópico “Love and Sex among the Invertebrates” (1990), de Pat Murphy, permeada por teorizações oriundas das áreas dos Estudos Literários, Culturais, da Tradução e de Gênero, visando problematizar questões relativas à cultura da tradução sob lentes feministas. Para o estudo, os seguintes aportes teóricos são explorados em suas interfaces com os estudos literários: com foco no subgênero da ficção científica distópica, especialmente de autoria feminina, Cavalcanti (2011) e Funck (2016); e sobre as questões relativas à tradução cultural, Burke; Hsia, (2009), especialmente sobre os procedimentos tradutórios de modo mais amplo, Arrojo (1999). As reflexões de Von Flotow (1997), Costa (2012) e Leite (2017) são relevantes para a ênfase mais específica no tocante às imbricações entre questões de gênero e de tradução. Com o estudo realizado, constato que: 1) uma dimensão político-ideológica informa as escolhas de tradução, sobretudo de textos literários de autoria feminina, influenciando em sua circulação; 2) no original e na tradução do conto estudado, marcadores textuais de gênero suscitam sentidos diferentes, mais ou menos feministas, a depender das escolhas autorais e de tradução.

Palavras-chave: Tradução; Estudo de Gênero; Ficção Científica; Autoria Feminina; Pat Murphy.

ABSTRACT

This study started out from the observation of the invisibility of literary writing by female authors, especially in the genre of science fiction, and the incipient translation and literary criticism of their production. My objective is to present an analysis of the still unpublished translation by Elton Furlanetto of the dystopian short story "Love and Sex among the Invertebrates" (1990), by Pat Murphy, including theorizations from the fields of Literary, Cultural, Translation and Gender Studies, aiming to problematize issues related to the culture of translation through a feminist lens. For this sake, the following theoretical contributions are explored in their interfaces with literary studies: the subgenre of dystopian science fiction, especially of female authorship, Cavalcanti (2011) and Funck (2016); and issues related to cultural translation, Burke; Hsia, (2009), especially broader translation procedures, Arrojo (1999). The reflections of Von Flotow (1997), Costa (2012) and Leite (2017) are relevant for the more specific emphasis regarding the imbrications between gender and translation issues. Through the study conducted, I find that: 1) a political-ideological dimension impacts on translation choices, especially of female-authored literary texts, influencing their circulation; 2) in the original and in the translation of the short story studied, textual gender markers raise different meanings, more or less feminist, depending on authorial and translation choices.

Keywords: Translation; Gender Studies; Science Fiction; Female Authorship; Pat Murphy.

SUMÁRIO

1. ADENTRANDO OS CAMINHOS QUE APROXIMAM O FEMINISMO, A AUTORIA FEMININA E A TRADUÇÃO	11
2. INTERSECÇÕES ENTRE A LITERATURA, A CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA E OS ESTUDOS TRADUTÓRIOS	14
3. TRADUÇÃO CULTURAL SOB A ÓTICA DO FEMINISMO	18
4. APROXIMAÇÕES ENTRE FICÇÃO CIENTÍFICA E A CRÍTICA FEMINISTA	21
5. O BINARISMO E O AGENCIAMENTO NO PROCESSO TRADUTÓRIO	25
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31

1. ADENTRANDO OS CAMINHOS QUE APROXIMAM O FEMINISMO, A AUTORIA FEMININA E A TRADUÇÃO

O feminismo é um movimento que luta pela equidade entre os gêneros nos contextos social, econômico, legal e racial. Simone de Beauvoir¹ afirma “Eu nunca me senti inferior... No entanto, ‘ser mulher’ relega toda mulher a uma condição secundária” (p. 14, 2019). Apesar de tantas conquistas desde o final do século XIX, como o direito ao voto, a possibilidade do trabalho remunerado, a liberdade de administrar o próprio dinheiro e tantos outros direitos, adquiridos por meio de tantas lutas e reivindicações ao longo dos tempos, ainda se faz necessária a discussão e reafirmação sobre a importância do feminismo, sobretudo nos tempos atuais no Brasil, nos quais, além de estarmos enfrentando uma pandemia mundial, estamos perdendo, em pouquíssimo tempo, direitos que demoramos tantas décadas ou até mesmo séculos para conquistar. Por isso, é tão importante que haja pesquisas que englobem o tema do feminismo. Com este estudo, apresentarei uma discussão sobre a tradução² realizada por Elton Luiz Aliando Furlanetto³ de um conto de autoria feminina que apresenta uma cientista como protagonista e possivelmente única sobrevivente de uma catástrofe nuclear.

“Love and Sex among the Invertebrates”⁴, de Pat Murphy, foi originalmente publicado em 1990 e reeditado na coletânea *Alien Sex: Tales by the Masters of Science Fiction and Dark Fantasy*, organizada por Ellen Datlow, em 1990. Esse texto literário narra a história da protagonista, uma cientista que mora em San Jose, uma cidade que fora atacada por bombas e que se encontra em um cenário pós-apocalíptico. Pat Murphy é uma premiada escritora de fantasia e ficção científica. Ela nasceu em 9 de março de 1955, em Washington, nos Estados Unidos. Teve algumas das suas obras indicadas a prêmios e seu segundo romance, *The Falling Woman* (1986), em 1987 ganhou o *Nebula Award*. No mesmo ano, a autora foi premiada novamente com o *Nebula Award* por sua novela “Rachel in Love” (1987). O conto analisado neste trabalho foi indicado aos prêmios *Nebula: contos* e ao prêmio *Locus* de melhor conto em 1991.

O cenário de catástrofe de “Love and Sex among the Invertebrates” sugere que a personagem está vivendo em um mundo pós-apocalíptico, mas a história não explicita a

¹ Cf. McCann (2019).

² Tradução ainda inédita, integrante do projeto maior, em andamento. Cf. a nota de rodapé 6.

³ Professor Doutor da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e pesquisador do Grupo de Estudos de Adaptação e Tradução (GREAT), atua principalmente nos seguintes temas: ficção científica, literatura estadunidense, crítica materialista histórica, utopia, tradução literária e escrita criativa.

⁴ Na tradução de Furlanetto a obra é intitulada “Amor e Sexo entre os Invertebrados”.

natureza do desastre. Leitoras e leitores experimentam a sensação de ler uma fábula de última sobrevivente, tropo comum às narrativas distópicas.⁵ A voz narrativa, pela própria protagonista, esclarece que ela recebeu uma dose de radiação e encontra-se em seus últimos dias de vida. Em seu laboratório, que fora abandonado por seus colegas de trabalho, Katie começa a construir robôs a partir de apetrechos e restos de materiais por ela encontrados. No decorrer da narrativa, apresenta-nos o processo de criação desses “animais robóticos”, referidos no conto como “criaturas”; ela segue também relatando partes do seu passado, por meio de *flashbacks*, inclusive descrevendo sua relação com as pessoas próximas, sobretudo com a sua mãe; e refletindo sobre suas dúvidas quanto às escolhas que deixara de fazer em sua vida. Trata-se, como apontei, de uma narrativa apocalíptica e talvez a protagonista seja o único ser humano sobrevivente à catástrofe, da qual sabemos apenas que houve bombardeios, o que é sugestivo de uma guerra nuclear.

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) é resultado de pesquisas que vêm sendo desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)⁶, sob supervisão da professora Ildney Cavalcanti, nos ciclos de 2017-2018 e 2018-2019.⁷ No primeiro ciclo, analisei a tradução do referido conto, e refleti sobre as questões relativas à cultura da tradução. No segundo ciclo, prossegui com a análise, enfocando mais especificamente as relações entre a atividade tradutória e as políticas feministas, conforme representadas na obra, contextualizando-as no âmbito da área da tradução, em intersecção com a crítica feminista.

Tendo como base essa narrativa, esta monografia tem por objetivo analisar a tradução do conto em foco, de Elton Furlanetto, sob a ótica da teoria crítica feminista, dos estudos de tradução e dos estudos de ficções científicas. Este trabalho tem ainda como objetivo contribuir para os estudos situados na intersecção entre literatura, crítica feminista e ciência. Mais especificamente, por meio de uma análise da tradução de “Love and Sex among the Invertebrates”, exploro uma perspectiva que leva em consideração a presença – e ausência – de marcadores de gênero que apontam para uma predominância do masculino e sua reafirmação

⁵ Desde seus primórdios até a contemporaneidade, a figura da/o única/o sobrevivente a um apocalipse é reiterada neste tipo de ficção, iniciando com *The Last Man* (1826), de Mary Shelley.

⁶ A proposta do PIBIC surge de um projeto desenvolvido pela professora Doutora Ildney Cavalcanti, que estuda as convergências entre ciência e gênero em narrativas de autoria feminina em língua inglesa nos gêneros de ficção científica, utopias e distopias. Intitulado “Histórias de Gênero e de Ciência na Ficção e na Teoria”, o projeto tem como objetivo mapear, analisar e avaliar parte desta produção; e também traduzir e editar uma seleção de ficções para publicação, em formato série de livros em edição crítica bilíngue (inglês e português).

⁷ Os títulos dos relatórios referentes a estes ciclos foram “Estudo da tradução de ‘Love and Sex among the Invertebrates’” e “Reflexões sobre o conto ‘Love and Sex among the Invertebrates’ (1990), de Pat Murphy, e tendências do feminismo contemporâneo”.

como universal. Outra questão é a ausência do pronome pessoal “eu”, que gera um efeito de apagamento parcial da individualidade da personagem narradora. Por fim, esta pesquisa tem também o intuito de divulgar a narrativa da escritora estadunidense no Brasil.

Neste sentido, o estudo está estruturado em quatro seções, além da introdução e das considerações finais: “Intersecções entre a Literatura, a Crítica Literária Feminista e os Estudos Tradutórios”, seção na qual é apresentado um breve panorama, sobre as implicações da dificuldade da mulher enquanto escritora e do feminismo na prática tradutória; “Tradução Cultural sob a Ótica do Feminismo”, parte que aborda as implicações da cultura no ato tradutório; “Aproximações entre Ficção Científica e a Crítica Feminista”, em que é exposta a importância do protagonismo feminino e a importância do gênero literário da ficção científica em face à produção literária de autoria feminina; a análise, intitulada “O Binarismo e o Agenciamento no Processo Tradutório”, na qual examino as implicações da tradução do conto de Murphy do inglês para o português, em uma perspectiva centrada na prática tradutória, conduzida por um viés do feminismo.

2. INTERSECÇÕES ENTRE A LITERATURA, A CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA E OS ESTUDOS TRADUTÓRIOS

A primeira onda do feminismo ocorreu no final do século XIX e início do século XX, mais fortemente nos Estados Unidos e na Europa, quando mulheres saíram às ruas no movimento sufragista para protestar pelo direito ao voto. Pouco tempo depois, houve a publicação do ensaio *Um Teto Todo Seu*, de Virginia Woolf, em 1929, na Inglaterra, uma obra de extrema importância para o movimento feminista, que levanta alguns questionamentos importantes, tais como “Por que um sexo é tão próspero e o outro, tão pobre? Que efeito tem a pobreza sobre a ficção? Quais as condições necessárias para a criação de obras de arte?” (2014, p. 41). Dentre essas e outras questões abordadas no livro, pode-se afirmar que as temáticas envolvendo a materialidade e as diferenças de classe estão no cerne da crítica da autora.

Esse questionamento perdura até a atualidade e ecoa nos diversos âmbitos da atuação do ser humano, um deles é a literatura. No decorrer do seu texto, a própria Woolf apresenta motivos que tornam “mais fácil” a possibilidade de escrita de livros por homens e expõe as diferenças de oportunidades entre os gêneros, refletindo sobre o que uma mulher precisa possuir para escrever. Apesar de nascida em uma condição social confortável, a autora britânica enfrentava dificuldades relacionadas a questões de gênero, como afirma Marília Leite: “Incomodavam Woolf, sobretudo, as diferenças de oportunidades fornecidas a homens e mulheres, tendo sido ela mesma, assim como sua irmã, educada em casa, sem jamais ter frequentado a universidade” (2017, p. 9).

Além do aspecto material referente ao sexismo, é salientado também o fato de o cânone literário ser composto por homens heterossexuais, brancos e de classe social favorecida. Woolf trata sobre isso expondo a opinião misógina de Oscar Browning: “a impressão que tinha, depois de olhar qualquer conjunto de teses, era que, não importa a nota que ele desse, a melhor mulher era intelectualmente inferior ao pior homem” (2014, p. 79). Para reforçar essa ideia, Leite, em sua dissertação, comenta este pensamento nos seguintes termos:

Woolf usa o argumento que desenvolveu em *A Room of One's Own* ([1929] 2007), de que as mulheres foram sistematicamente postas do lado de fora das tradições acadêmica, literárias e científicas, e que ao mesmo tempo, pode ser melhor estar trancada do lado de fora do que estar trancada do lado de dentro (2017, p. 9).

Notamos, na citação acima, também uma referência ao fato de Woolf recusar a territorialidade rígida, excludente e androcêntrica dessas tradições, o que é metaforizado em

Um Teto Todo Seu (2014) pela imagem do trancamento de certos espaços para evitar a mobilidade, circulação, intervenção e visibilidade feminina na cultura. Podemos, a partir da obra de Woolf, considerar o modo pelo qual ocorreu a formação do cânone literário e da própria crítica literária na sociedade britânica do início do século XX. Esta postura misógina e conservadora, evidenciada nas obras de Woolf, ainda encontra espelho em nosso ambiente, mesmo após quase um século da publicação da crítica tecida por Woolf. De acordo com Rita Terezinha Schmidt: “É preciso atentar aqui para o fato de que o gênero do discurso sério, objetivo, competente e legitimado pela cultura sempre foi o do gênero masculino, tomado como universal” (2017, p. 156). Esta crítica sublinha que tal concepção de cânone foi tecida e consolidada por noções e ideologias pertencentes a indivíduos que dominavam tais setores da arte e do conhecimento, ou seja, homens heterossexuais brancos de classe social média e alta. Dessa forma, o cânone literário é resultante de tais ideologias da classe dominante e opressora da sociedade.

Entretanto, isso não significa que as mulheres não escreviam, apenas que não eram lidas e nem vistas como produtoras de obras literárias de qualidade. Com a segunda onda do feminismo, que teve início entre as décadas de 60 e 70 (FUNCK, 1998), houve um resgate de textos de autoria feminina – e de teor feminista – que haviam sido esquecidos. Esta segunda onda, que surgiu após a Segunda Guerra Mundial, trouxe à tona reivindicações que se fundamentavam na política de identidade entre mulheres e na recusa de alicerces patriarcais, visando à igualdade entre gêneros. Nesse período também houve uma maior circulação de textos de autoria feminina, tanto os revisitados, em novas edições, quanto os novos, e pesquisas passaram a ser iniciadas, levantando novos questionamentos estéticos, estratégias interpretativas, hábitos de leitura e um renovado pensamento crítico feminista (KOLODNY, 2017).

Essa revisão da produção literária está em alinhamento com a noção da língua e da literatura como importantes ferramentas de construção social. Por muito tempo, a literatura foi vista apenas como meio de representação da realidade, porém, a partir dos anos 60 e 70, época da segunda onda cristalizada do movimento feminista e marco consolidatório da crítica literária feminista, a “representação começa a ser vista, ao contrário, como a própria construção, pelo discurso, de identidades e relações de poder” (FUNCK, 2016, p. 367). Dessa forma, passam a ser observadas, dentro da linguagem e do texto literário, as construções de gênero, o que levou os estudos feministas a desafiar e questionarem tais formações. Em razão disso, a crítica literária feminista passa a se preocupar com as questões relativas às construções sociais de

gênero e passa a se tornar mais consciente de seu papel nessa era do feminismo, ou seja: não seria suficiente apenas revisitar os termos e construções dos textos literários, mas também revisitar os cânones e as implicações sociais criadas.

Ao considerar que muitos dos grandes textos tomados como pontos de partida para diversas discussões dos estudos feministas, como *Um Teto Todo Seu*, anteriormente mencionado, ou *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949, obras lidas nas mais diversas línguas, os estudos feministas necessitaram do ofício da tradução para que houvesse a circulação de ideias, imagens e conceitos. Assim, tanto os estudos feministas foram influenciados pelos estudos tradutórios como a própria prática da tradução foi incentivada pela produção literária feminista. Como argumenta Luise Von Flotow:

O trabalho de tradução em uma ‘era do feminismo’, em uma era poderosamente influenciada pelo pensamento feminista teve um forte efeito na prática tradutória. Primeiramente, tradutoras têm buscado escritos de mulheres contemporâneas para serem traduzidos para suas próprias culturas. [...]. Em segundo lugar, porque o movimento das mulheres definiu a língua como um instrumento político poderoso, muitas mulheres trabalhando numa ‘era do feminismo’ também enfrentam questões de intervenção e censura na tradução (1997, p. 14).⁸

Com este fragmento, percebe-se que a tradução, dentro do campo da crítica literária feminista, passa a se preocupar com as questões relativas às construções sociais de gênero e a se tornar mais consciente de seu papel nessa “era do feminismo”, ou seja, a práxis tradutória não apenas revisita os termos e construções dos textos literários, mas também os cânones e as demais construções sociais surgidas como resultado da atividade de tradução.

Muitas das obras escritas por mulheres no decorrer dos séculos têm sido pouco publicadas; e, na contemporaneidade, ainda convivemos com essa dificuldade relativa às distinções hierarquizantes dos seres em relação ao seu gênero, especialmente em se tratando de gêneros literários cujo domínio tem sido masculino, como é o caso da ficção científica. Alguns dos motivos para a não inserção das mulheres no âmbito público por meio da ação simbólica da escrita e da tradução foram explorados por Leite:

As exigências dos rituais sociais, a falta de experiências que não as domésticas, a submissão imposta pelas figuras masculinas, a falta de recursos e a restrição

⁸ Texto original: “The work of translating in an ‘era of feminism’, in an era powerfully influenced by feminist thought, has had an acute effect on translation practice. First, translators have sought out contemporary women’s writing in order to translate it into their own cultures. [...]. Second, because the women’s movement has defined language as a powerful political instrument, many women working in an ‘era of feminism’ also face issues of intervention and censorship in translation”. Todas as traduções do inglês para o português são de minha autoria, excetuando os casos em que tradutoras/es encontram-se listadas/os nas referências.

de seu acesso à educação e à leitura são as principais causas apontadas pela escritora [por Woolf] como responsáveis pelo apagamento (2017, p.15).

A autora enfatiza também os entrelaçamentos entre o feminismo e as práticas de tradução, apontando que “[o] fortalecimento do feminismo trouxe o desejo de conhecer obras escritas por mulheres, na tentativa de renovar e restaurar uma tradução e um cânone dominado por presenças masculinas” (2017, p. 23). Isso posto, evidencia-se que a tradução tem um papel fundamental, pois, a partir dela fora e ainda é possível “a redescoberta de autoras esquecidas, a disseminação de obras feministas, a releitura e reescrita de traduções e o revisionismo das teorias e mitos [...]” (LEITE, 2017, p. 23). Nesta seção, fora apresentado uma breve perspectiva a respeito das inferências da dificuldade da mulher enquanto escritora e do feminismo na prática tradutória. Essas considerações que possibilitaram aguçar as questões das implicações da cultura no ato tradutório, que serão abordadas na próxima seção.

3. TRADUÇÃO CULTURAL SOB A ÓTICA DO FEMINISMO

É possível compreender um pouco da história e evolução da tradução, atividade humana necessária devido à diversidade das línguas, fenômeno que é figurado na cultura judaico-cristã, por meio do mito bíblico da queda da torre de Babel, no livro do Gênesis, capítulo onze. Com o passar dos séculos, a tradução foi se tornando uma necessidade cada vez maior, conforme é argumentado por Peter Burke, em *A Tradução da Cultura nos Primórdios da Europa Moderna*: "todos os grandes intercâmbios culturais na História envolveram tradução" (2009, p. 7). A tradução é algo de extremo valor na cultura, pois permite que se tenha acesso à cultura do outro, falante de um idioma diferente. Nas intervenções culturais envolvendo a tradução, não somente os textos religiosos foram de grande importância, mas também os científicos, os políticos e os literários, como explica Burke (2009).

No estudo *Oficina de Tradução: a teoria na prática*, de Rosemary Arrojo, é reforçada a ideia de que, mesmo com a evolução da tecnologia e das máquinas, ainda não se consegue substituir a tradutora ou o tradutor: "Se traduzir dependesse simplesmente de decorar algumas regras e de conhecer uma língua estrangeira, há muito tempo as máquinas de traduzir já teriam conseguido substituir o homem [ou a mulher]" (1999, p. 78). A tecnologia não é capaz de dominá-la, pois a tradução envolve muito mais do que traduzir, de uma língua para outra, palavra por palavra. Ela engloba aspectos da cultura, do contexto, das expressões, das metáforas, dentre tantos outros aspectos que a tecnologia ainda não é capaz de dominar. Marc Augé em seu livro *Por uma Antropologia da Modernidade* (2010) afirma que: "Enquanto a ciência não para de progredir em um ritmo acelerado (somos incapazes de dizer qual será o estado de nossos conhecimentos em trinta anos), aumenta o fosso entre a elite do saber e aqueles [as] que não conseguem nem mesmo acessá-lo" (2010, p. 10). Por consequência, deparamos ainda com a fronteira linguística e com a importância das traduções como "ponte necessária" (PAES, 1990) entre povos falantes de línguas diferentes.

Questões relativas às construções sociais de gênero vêm sendo consideradas quanto à atividade de tradução, conforme apontei acima. O conto que analiso neste trabalho em relação à sua tradução foi escrito por uma mulher. Muitas das obras escritas por mulheres séculos atrás pouco foram publicadas e traduzidas; e, na contemporaneidade, ainda convivemos com essa dificuldade relativa às distinções dos seres em relação ao seu gênero, especialmente em se tratando de gêneros literários cujo domínio tem sido mais masculino, como é o caso da ficção científica, aqui enfocada.

Por meio da atividade de tradução, indivíduos e coletividades vêm buscando levar o conhecimento para uma parcela maior da humanidade. Porém, como mencionei anteriormente, a tradução não depende exclusivamente de decodificar palavras. Existem as estruturas sintáticas e fonológicas que as/os tradutoras/os tentam transportar para o texto que está sendo traduzido e, sobretudo, há também as questões específicas relativas a determinada cultura, que as/os tradutoras/es atentas/os tentam transferir na produção do texto traduzido. Sobre a noção de cultura, no contexto da reflexão sobre a tradução, Claudia de Lima Costa, em seu texto “Feminismo e Tradução Cultural: sobre a colonialidade do gênero e a descolonização do saber”, afirma que “A prática do *‘world’-traveling* evidencia como a tradução é indispensável, em termos políticos e teóricos, para a formação de alianças feministas pós-coloniais/pós-ocidentais” (2012, p. 49).

Centradas na politização do ato tradutório sob perspectiva feminista e descolonial, e aproximando essas teorizações situadas na interface entre os Estudos Culturais e os Estudos Gênero, ao passo em que as atualizo no âmbito da prática, saliento as ideias de Costa, ainda em relação à tradução cultural:

O uso que faço do termo tradução é o mesmo da acepção dada por Niranjana (47-86), isto é, ele não se refere exclusivamente às discussões sobre estratégias dos processos semióticos na área dos estudos da tradução, mas também aos debates sobre tradução cultural. A noção de tradução cultural (esboçada, em um primeiro momento, nas discussões sobre teoria e prática etnográficas e, posteriormente, exploradas pelas teorias pós-coloniais) se baseia na visão de que qualquer processo de descrição, interpretação e disseminação de ideias e visões de mundo está sempre preso a relações de poder e assimetrias entre linguagens, regiões e povos. Não é de se estranhar, então, que a teoria e prática da tradução hegemônicas tenham surgido da necessidade de disseminação do Evangelho, quando um dos sentidos de traduzir significou converter (COSTA, 2012 p. 42).

Evidencia-se o forte viés ideológico que subjaz às atividades tradutórias. No caso do presente estudo, é crucial enfocar as questões correspondentes à interpretação e à disseminação de ideias, pois a tradução está “buscando abertura para outras formas de conhecimento e humanidade” (COSTA, 2012, p. 41), e sendo direcionada por um pensamento/concepção descolonial, em contraste/resistência a visões mais hegemônicas dessa atividade. Para além disso, a tradução, no contexto aqui explorado, “excede o processo linguístico de transferências de significados de uma linguagem para outra e busca abarcar o próprio ato de enunciação” (COSTA, 2012, p. 44).

Com base nas estratégias mencionadas acima em relação à cultura feminista de tradução – no que concerne à revisão, tradução e circulação de obras de autoria feminina –, a análise do

conto aqui proposta observa o âmbito da produção de ficção científica distópica, abrangendo contos publicados originalmente em língua inglesa. Trata-se especificamente de um *corpus*⁹ que oferece metáforas relevantes para refletirmos sobre as relações de gênero e poder que, exatamente por isso, merece uma atenção e circulação para além da língua original em que foi escrito. Porém, antes de aprofundar no território específico da tradução de “Love and Sex among the Invertebrates”, focarei, a seguir, a discussão sobre a interface entre a ficção científica e a crítica feminista.

⁹ O conto “Love and Sex among the Invertebrates”, que ora enfoco, integra um universo de dezesseis ficções selecionadas para ser estudadas e traduzidas. O conjunto constitui o *corpus* do projeto mais amplo, anteriormente citado.

4. APROXIMAÇÕES ENTRE FICÇÃO CIENTÍFICA E A CRÍTICA FEMINISTA

A ficção científica feminista vem tentando romper com as algemas androcêntricas e se estabelecer como um gênero literário que, em um movimento revisionista, recoloca a mulher de fato como protagonista. Nesse direcionamento, têm surgido histórias em que a mulher não está apenas inserida no lugar do homem. Não se trata, por exemplo, de se apropriar de um enredo pronto e apenas trocar o gênero da personagem principal, mas, sim, de conceber histórias escritas por mulheres com mulheres protagonistas representando o poder que mulheres têm, ou, potencialmente, podem vir a ter.

No capítulo “What Can a Heroine Do? Or Why Women Can’t Write”, da coletânea de estudos críticos intitulada *To Write Like a Woman*, de Joanna Russ (1995), a autora defende que apenas trocar o sexo de uma personagem em uma história não é suficiente para garantir o protagonismo feminino, pois vivemos em uma cultura androcêntrica, cujas histórias que mais circulam são de heróis, e não de heroínas. No trecho a seguir, após “brincar” com certos enredos clássicos centrados no masculino e por ela subvertidos ao enfatizar o protagonismo para as mulheres, Russ comenta:

Autoras/es não fazem suas histórias do nada, nem são invenções soberanamente puras; cada um/a dessas histórias nos é familiar. O que as faz serem tão estranhas – e tão divertidas – é que, em cada uma, o sexo da personagem principal foi trocado (e, correspondentemente, o sexo das outras personagens). O resultado é que esses enredos fadados simplesmente não funcionam. Eles são histórias para heróis, não heroínas, e uma das coisas que prejudicam escritoras em nossa – e em qualquer – cultura, é que há pouquíssimas histórias nas quais a mulher tem o papel de protagonista (p.80).¹⁰

A autora cita alguns exemplos, dentre eles “Alexandra the Great” (p.80), para criticar tais enredos calcados na busca do herói. Mais adiante, ela irá afirmar que “[n]ossa literatura não é sobre mulheres. Não é sobre mulheres e homens igualmente. Ela é feita por e para homens” (p.81).¹¹ Outra questão também trazida à tona por Russ é que, em se tratando dos enredos mais tradicionais, na maioria das vezes, as mulheres são representadas como donzelas modestas, sedutoras e esposas fiéis; ou seja, geralmente são estereotipadas e não tidas como protagonistas, por tratar-se de narrativas escritas com base no protagonismo masculino – centradas no que os

¹⁰ “Authors do not make their plots up out of thin air, nor are the above pure inventions; every one of them is a story familiar to all of us. What makes them look so odd – and so funny – is that in each case the sex of the protagonist has been changed (and, correspondingly, the sex of the other characters). The result is that these very familiar plots simply will not work. They are tales for heroes, not heroines, and one of the things that handicaps women writers in our – and every other – culture is that there are so very few stories in which women can figure as protagonists”.

¹¹ “Our literature is not about women. It is not about women and men equally. It is by and about men”.

homens desejam ou temem – e nas quais as mulheres figuram de forma objetificada, para suprir alguma necessidade masculina. Apesar de a crítica empreendida por Russ ser da década de 1970, ela é ainda bastante relevante para uma leitura da nossa cultura contemporânea.

Segundo *The Encyclopedia of Science Fiction* (1979), de John Clute e Peter Nicholls, o romance *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley, teria sido a primeira obra de ficção científica: “Brian W. Aldiss argumenta sobre sua importância como o primeiro romance genuíno de *SF*, a primeira interpretação das relações entre humanidade e ciência através da imagem dual da natureza da humanidade apropriada a uma era da Ciência”¹² (1993, p. 1099). No entanto, mesmo sendo uma narrativa escrita por uma mulher, o livro só foi publicado sob o nome da escritora a partir de sua terceira edição, em 1831. Este é apenas um dos exemplos de apagamento da autoria feminina, especialmente no que diz respeito à produção em FC (doravante). Nomes como Joanna Russ, Margaret Atwood, Marge Piercy, Octavia Butler, Sarah Scott, Ursula K. Le Guin, entre outros, comprovam a genealogia posterior à Mary Shelley nas trilhas de uma escrita de FC por mulheres e demonstram a necessidade de uma maior atenção, por parte das/dos estudiosas/os, para estes textos, alguns dos quais tornaram-se emblemáticos e canônicos, marcando, assim, de maneira indelével a história deste gênero literário.

Nesta perspectiva, mais recentemente, pesquisadoras/es, principalmente na área da crítica literária feminista, têm produzido estudos que reconhecem e destacam a autoria feminina no gênero FC e problematizam as relações de gênero que atravessam os enredos. Prova disto é a lista bibliográfica intitulada “Pre-1950 Utopias and Science Fiction by Women – An Annotated Reading List of Online Editions”¹³ (Utopias e Ficção Científica Escritas por Mulheres antes de 1950 – uma lista de leitura anotada de edições on-line). Esta compilação faz uma retrospectiva de uma “tradição literária ocidental contínua desde o século 17 até o presente” (LIMA, 2018). Trabalhos como os de Cavalcanti (2003), Atwood (2011), Prado (2013), Funck (2016), dentre outros, analisam essas produções, demonstrando tal esse interesse por parte da crítica acadêmica em problematizar as relações entre FC e gênero. Sobre a maior circulação da FC feminista, de acordo com Juliana Lima:

A ficção científica escrita por mulheres, com viés feminista, tem se popularizado recentemente a partir de adaptações audiovisuais de algumas obras, como é o caso de “O Conto da Aia” (sic), da canadense Margaret

¹² “Brian W. Aldiss argues its importance as the first genuine sf novel, the first significant rendering of the relations between mankind and Science through an image of mankind’s dual nature appropriate to an age of Science”.

¹³ Hospedada no site da biblioteca da Universidade da Pensilvânia, nos EUA. Cf. <<http://digital.library.upenn.edu/women/collections/utopias/utopias.html>>. Acesso em: 15 set. 2021.

Atwood e, inclusive, de edições brasileiras de obras de Charlotte Perkins Gilman (1860-1935), Ursula K. Le Guin (1929-2018) e Octavia Butler (1947-2006) (LIMA, 2018).

Esse crescente interesse pela autoria feminina e pelo relevo das questões de gênero na escrita dessas autoras dentro do gênero FC é, portanto, notório. É preciso investigar, compreender e analisar de que maneira as autoras vêm escrevendo FC, quais questões se configuram como mais relevantes tematicamente para esse contexto, quais traços literários são mais evidentes, quais motivos são mais recorrentes. De modo consequente, faz-se necessário ler, traduzir, analisar e problematizar a escrita de FC por mulheres em nossa sociedade.

Algumas autoras, como Atwood (2011), Cavalcanti (2011) e Leandro (2011), apontam uma estreita relação entre Ficção Científica (FC) e Ficção Especulativa (doravante FE), uma vez que esses dois gêneros criam extrapolações que fundam mundos alternativos em um tempo/espaço futuro. Enquanto a FC, de maneira geral, constrói mundos alternativos a partir de premissas científicas, a ficção especulativa pode utilizar-se de premissas fantásticas, mágicas e até sobrenaturais para construir seus argumentos. Embora não haja consenso em relação a essas divisões, é fato que ambas, por meio de uma projeção futurista, propõem um lugar na ficção que questiona, problematiza e imagina mundos alternativos que dialogam (quase sempre) com o presente histórico na fundação de seus enredos. A respeito das interfaces entre os gêneros literários FC e FE, Atwood (2011) afirma que:

[...] se a sua escrita sobre o futuro não for previsão jornalística, provavelmente será algo que as pessoas chamarão de *ficção científica ou ficção especulativa*. Os termos são fluidos como vimos. *Algumas/Alguns usam a ficção especulativa como um guarda-chuva que cobre a ficção científica e todas as suas formas hífenizadas – fantasia de ficção científica e assim por diante – e outras/os escolherão o contrário*. Os romances de SF, é claro, podem se colocar em realidades imaginadas em paralelo, ou ocorridas há muito tempo e/ou em planetas distantes. Mas todos esses locais têm algo em comum: eles não existem e sua inexistência é de uma ordem diferente da inexistência de *Bobs and Carols* e *Teds and Alices* dos romances realistas (grifos meus) (2011, p. 59).¹⁴

Também para Leandro (2011), FC e FE estão imbricadas. Ao compor sua lista “Ficções

¹⁴ “[...] if your writing about the future isn’t forecast journalism, it will most likely be something people will call either science fiction or speculative fiction. The terms are fluid, as we’ve seen. Some use speculative fiction as an umbrella covering science fiction and all its hyphenated forms —science-fiction fantasy and so forth—and others choose the reverse. SF novels of course can set themselves in parallel imagined realities, or long ago, and/or on planets far away. But all these locations have something in common: they don’t exist, and their non-existence is of a different order than the non-existence of the realistic novel’s Bobs and Carols and Teds and Alices”.

científicas, utopias e distopias de autoria feminina em língua inglesa – um recorte bibliográfico 1967-2010”, parte da premissa de que FC e FE se avizinham, o que fica claro quando a autora afirma que seu levantamento: “apresenta obras de autoria feminina que se inscrevem no gênero literário da ficção especulativa, mais especificamente ficção científica (FC), publicadas entre 1967 e 2010” (2011, p. 199). Podemos entender que, para ela, FC e FE estão imbricadas, sendo a FE um universo mais amplo de ficções que especulem sobre mundos e modos alternativos; e a FC, um conjunto mais específico dentro do maior.

A ficção especulativa¹⁵, de modo geral, e a ficção científica, de modo mais pontual, são gêneros literários de suma importância, assim como já defendido pelas críticas feministas mencionadas nesta seção. Nesta direção, Funck argumenta que “[a] ficção especulativa, em especial, ao permitir a criação de mundos novos e diferentes, apresenta alternativas para arranjos sociais naturalizados e práticas de gênero culturalmente cristalizadas, mesmo que inviáveis de um ponto de vista realista” (FUNCK, 2011, p. 7). No entanto, a ficção científica feminista nos faz repensar como está sendo apresentado o protagonismo feminino nas FC em relação à literatura e à mulher, assim como salienta Funck, ao afirmar que “[u]ma tradição vem sendo (re)criada e teorias de produção literária vêm sendo (re)formuladas” (2016, p. 115). Esta reformulação faz-se necessária, pois há não muito tempo tínhamos, em grande maioria, textos escritos por homens e mulheres de uma forma para suprir as necessidades coerentes ao nexos heteronormativo. Nas palavras de Funck:

Até muito recentemente, a representação da mulher na literatura era feita a partir do desejo heterossexual masculino, tanto nas ficções escritas por homens quanto naquelas produzidas por mulheres. Pois ninguém cria seu mundo ficcional do nada. Escreve-se a partir de uma tradição literária, negociando-se entre significados herdados e posicionamentos alternativos, mas sempre em relação ao que está culturalmente disponível (2016, p. 115).

Logo na sequência, a crítica afirma que estudiosas, professoras, escritoras e leitoras começam a constatar que sua experiência “não pode ser equiparada à dos homens” (p.115). Isto posto, reafirmo a necessidade de estudos que apresentem a mulher no texto com real protagonismo, não apenas baseada nos interesses do masculino. Na próxima seção, realizo a análise da tradução a partir de um olhar feminista sobre o conto de Pat Murphy.

¹⁵ O presente estudo segue a clássica definição da poética da ficção científica como sendo um gênero definido pela construção de um “estranhamento cognitivo”, pois provoca a sensação de “desfamiliarização”, combinada ao plano racional, ou cognitivo (SUVIN, 1967).

5. O BINARISMO E O AGENCIAMENTO NO PROCESSO TRADUTÓRIO

Nesta seção apresentarei inicialmente o resumo do conto em foco. Adiante explorarei a tradução a partir de uma perspectiva feminista, em que abordarei as implicações da tradução dos pronomes para o português e o apagamento do pronome da primeira pessoa do singular e suas consequências.

No conto “Love and Sex Among the Invertebrates”, a narradora inicia revelando que caíram bombas em San Jose, cidade onde mora. A protagonista imagina que tenha recebido uma dose média de radiação, a qual não lhe dará uma morte instantânea, porém lhe permitirá sobreviver por apenas mais alguns dolorosos dias. Ela havia se graduado em biologia e realizado estudos na pós-graduação na área da engenharia. Seu desejo era construir robôs para serem utilizados no processo industrial, porém só consegue realizar esse desejo neste momento da sua vida, pois acredita ser uma pena desperdiçar todos os materiais que seus colegas haviam abandonado.

Seu objetivo é construir animais robôs, que ela chama de criaturas. No decorrer do conto são apresentados três animais invertebrados: o pseudoescorpião, a aranha-macho e o pássaro-construtor australiano macho. A narradora descreve os três modos de acasalamento deles. Após a descrição do primeiro, a cientista coloca o pênis no seu primeiro robô como um tipo de piada, uma piada sobre a evolução.

Em seguida, conta sobre suas aulas de biologia no ensino médio, quando aprendera sobre a teoria da evolução de Darwin, e critica o fato de sua professora falar sobre o *Homo sapiens* como se fosse o fim, ou o ápice, da evolução. Sua primeira criação é baseada em um réptil, um robô parecido com um lagarto.

Posteriormente, a protagonista segue com o seu relato, focando em sua relação com sua mãe, que a ensinara que não deveria confiar nos homens e nem nas pessoas, somente nela e em mais ninguém. No final de sua vida, a protagonista descobre que não podia confiar nem em sua mãe, pois sua genitora havia mentido, já que sabia que estava doente e não lhe contara. Em seguida, começa a se questionar sobre como seria se ela tivesse tido um amigo ou um amor que tentasse tirá-la da sua zona de conforto. Talvez ela tivesse se tornado uma pessoa diferente. Após isso, ela passa a ter delírios, sentindo a presença da sua mãe, que lhe questiona: “‘Katie,’ ela diz, ‘por que você nunca se apaixonou? Por que nunca teve filhos?’” (p. 245).¹⁶

¹⁶ “Katie,” she says. “Why didn’t you ever fall in love? Why didn’t you ever have children?”

Enquanto ela está construindo a robô fêmea, o macho está no beco, que fica perto do laboratório. Ela desce para investigar e quando chega lá, “ele balança a cabeça e range os dentes de forma intimidadora” (p. 246).¹⁷ Ele está coletando materiais para poder captar a luz do sol. Katie, quando volta para o laboratório, afirma: “eu construo o futuro” (p. 247).¹⁸ Uma vez que a doença já havia tomado conta do corpo de Katie, ela quer estar ciente que deixará algum legado.

Seguidamente, a cientista conta que, quando estava na sétima série, assistiu a um filme na escola que tinha por título *Tornando-se Mulher*. O longa-metragem mostrava toda a transição da puberdade até a gestação, mostrava o óvulo e o espermatozoide, mas não mostrava de onde ele tinha vindo, deixando-a com dúvidas sobre o assunto. Quando interrogou a sua mãe sobre o fato de como isso ocorria, ela resmungou qualquer coisa sobre a mulher e o homem se amarem, o que a deixou com mais dúvidas: “como se o amor fosse tudo que se precisasse para o espermatozoide encontrar o seu caminho de entrada no corpo da mulher” (p. 248).¹⁹ Outro questionamento levantado por Katie é: “mas onde entra o amor? Onde acaba a biologia e começam as emoções superiores?” (p. 248).²⁰

No decorrer do conto seus delírios só aumentam. Em certo ponto, ela começa a não ver somente a sua mãe, mas também homens que fizeram parte da sua vida. Enquanto passa seus dias deitada ao lado da janela, passa a observar o acasalamento entre seus robôs. A protagonista não havia dado voz à criatura macho, mas ele chama a fêmea à sua maneira. Katie novamente se questiona se isso seria amor. Suas criações supostamente não possuem condições materiais para reprodução, uma vez que a ciência a deixara na mão neste detalhe. Isso fica por conta das próprias criaturas, entregues ao acaso.

Nos seus últimos dias, ela encontra-se muito fraca, arrasta-se engatinhando até o beco onde se encontram os seres robóticos. Sua curiosidade a leva até lá para saber o que acontecera com eles. Contudo, ao chegar no local, não encontra suas criaturas. Na sequência das ações, Katie se agacha no fundo do beco, enrolada em um lençol, e afirma: “posso morrer aqui assim como posso morrer em qualquer lugar. Estou cuidando do ovo, mantendo-o a salvo” (p. 251).²¹ A protagonista sonhou com sua vida passada e se arrependeu de ter sido muito cautelosa, de não ter se apressado para a dança do acasalamento. Katie finaliza sua narração expressando que

¹⁷ He shakes his head and rattles his teeth threateningly.

¹⁸ I build the future.

¹⁹ [A]s if love were somehow all that was needed for the sperm to find its way into the woman's body.

²⁰ [B]ut where does the love come in? Where does biology leave off and the higher emotions begin.

²¹ I can die here as well as I can die anywhere. I am watching over the egg, keeping it safe.

seu tempo havia acabado, que os dinossauros e os humanos tiveram o fim de suas existências no planeta, e anunciando que novos tempos estão chegando.

O conto, resumido acima, aborda uma protagonista que provavelmente encontra-se em seus últimos dias de vida. Conforme aponte, ela é uma cientista que decide deixar um legado, deixar um “novo povo” para ocupar a terra. A personagem protagonista decide elaborar criaturas com restos de materiais que encontra em seu laboratório. No decorrer do conto, a voz narrativa descreve a criação desses animais robóticos ou criaturas, assim como ela os chama, ao mesmo tempo em que se recorda de episódios da sua vida pré-apocalipse, como a vivência com sua mãe, o fato de nunca ter se apaixonado e especulações sobre a ideia do que é o amor.

A atividade da análise da tradução do conto de Pat Murphy, que tem por tradutor Furlanetto, envolveu, inicialmente, um trabalho de levantamento de contos de FC para a seleção da obra a ser estudada, seguido do cotejamento minucioso entre as duas versões. Isso resultou no estabelecimento de eixos que serviram de base para o direcionamento da análise. A seguir, observo detalhes e escolhas de tradução que geram efeitos de sentidos com implicações importantes em se tratando de uma perspectiva feminista de leitura.

Ao cotejar e analisar a tradução, tomo como ponto de partida as dificuldades na tradução do inglês para o português, focando nas diferenciações da estrutura da língua inglesa e da língua portuguesa, sobretudo na dificuldade de se traduzir frases sem marcação de gênero no inglês, algo difícil de ser encontrado no português, por ser uma língua cujo uso privilegia o gênero masculino, como é o caso dos pronomes, conforme explicitarei adiante.

A língua portuguesa é derivada do latim e tem como “neutro” o gênero masculino. Esta não é uma característica apenas do português, mas, também de outras línguas derivadas do latim, como espanhol e francês. Um texto da literatura que reflete sobre essa questão é o poema “Mito” (2013), de Muriel Rukeyser, reescritura do mito de *Édipo Rei*, que transcrevo abaixo:

Há muito tempo, Édipo, velho e cego, vagava pelas estradas.
 Ele parou ao sentir um cheiro familiar. Era a Esfinge.
 Édipo disse: “Gostaria de fazer-te uma pergunta.
 Por que eu não reconheci minha mãe?”
 “Porque você deu a resposta errada”, lhe disse a Esfinge.
 “Mas foi tal resposta que tornou tudo possível”, disse Édipo.
 “Não”, ela disse. “Quando eu perguntei ‘O que caminha com quatro pernas
 pela manhã, duas à tarde e três à noitinha’, tu respondestes ‘Homem’.
 Você não disse nada sobre a Mulher.”
 “Mas quando você diz Homem”, falou Édipo,
 “isso inclui as mulheres também.
 Todo mundo sabe disso.” Ela lhe replicou:
 “Isso é o que você pensa”.

No trecho acima, encontramos a Esfinge criticando o fato de Édipo resumir a humanidade com a palavra *homem*, tal redução e tal crítica ecoa até os dias atuais, em uma vertente conhecida como a crítica feminista da linguagem, que enfoca as instâncias de sexismo linguístico. Quando um homem escreve um texto, ele não precisa reafirmar que é um homem que o está escrevendo. O mesmo não acontece com a mulher, em cujo texto temos que reafirmar trata-se de autoria feminina. Sobre tal ponto, afirma Beauvoir:

O próprio enunciado do problema sugere-me uma primeira resposta. É significativo que eu coloque esse problema. Um homem não teria a ideia de escrever um livro sobre a situação singular que ocupam os machos na humanidade. Se quero definir-me, sou obrigada inicialmente a declarar: "Sou uma mulher". Essa verdade constitui o fundo sobre o qual se erguerá qualquer outra afirmação. Um homem não começa nunca por se apresentar como um indivíduo de determinado sexo: que seja homem é natural. É de maneira formal, nos registros dos cartórios ou nas declarações de identidade que as rubricas, masculino, feminino, aparecem como simétricas. A relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois pólos. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos "os homens" para designar os seres humanos [...] (1970, p. 9).

Beauvoir critica o aspecto de o homem não precisar reafirmar a sua existência. No contexto cotidiano, o masculino é apresentado como o padrão, dando à mulher o papel necessário e constante de reafirmar seu espaço na humanidade. A partir dessa discussão, saliento o quanto é importante palavras e pronomes de gênero neutro, para que haja mais neutralidade na língua portuguesa.

Diferentemente do português, o inglês possui o pronome da terceira pessoa do plural como gênero neutro, assim possibilitando um grau maior de neutralidade para o texto. O pronome *they*, no inglês serve tanto para *elas* como para *eles*. Já na língua portuguesa, se houver uma tradução em que haja dois indivíduos de gênero distinto ou mesmo que estejamos nos referindo a noventa e nove mulheres e um homem, será traduzido para *eles*, pois, na língua portuguesa, o masculino recebe, gramaticalmente, o status de neutro. No entanto, discordo dessa solução, pois acredito que a colocação do masculino como neutro só reafirma o falocentrismo da sociedade, que coloca o homem cis, branco, hétero e de classe média como o padrão universal, padrão esse que não existe, visto que a maioria da população não é composta por homens, nem brancos, nem heterossexuais e nem de classe média.

Na tradução do texto analisado, pude observar as peculiaridades do gendramento que segue o uso do masculino genérico em alguns casos de tradução dos pronomes para língua portuguesa. Este ponto pode ser ilustrado com os exemplos abaixo:

<i>Before pseudoscorpions mate, they dance</i> (p. 242).	<i>Antes que os pseudoescorpiões acasalem, eles dançam.</i>
<i>The male deposits a packet of sperm on the ground that has been cleared of debris by their dancing feet</i> (p. 242).	<i>O macho deposita uma bolsa de esperma no chão que foi limpo dos detritos pela dança deles.</i>

Nos exemplos acima, podemos observar que foram utilizados, em ambos os casos, os pronomes no masculino, por falta de um pronome neutro na língua portuguesa na terceira pessoa do plural que não demarque o gênero.

Em outros trechos do conto, a demarcação do gênero masculino é exposta diversas vezes, porém o tradutor opta por fazer a omissão do gênero masculino, como podemos observar nos exemplos a seguir:

After a time, he believes that she has received his message. (p. 244)	<i>Depois de um tempo, acredita que ela tenha recebido a mensagem.</i>
The male intensifies his efforts, tossing his head as he backs away, doing his best to call attention to the fine home he has created (p. 249).	O macho intensifica os esforços, balançando a cabeça quando recua, fazendo de tudo para chamar a atenção para o lindo lar que criou.

Em ambos os exemplos podemos observar a omissão do gênero masculino nas frases. No segundo exemplo, o tradutor omite o gênero quatro vezes, no início da frase está exposto que o sujeito da frase é masculino, a partir de então, o tradutor optou pela exclusão dos pronomes. Acredito que isso tenha ocorrido para evitar uma repetição talvez desnecessária do sujeito masculino.

Em outros trechos, em que houve dificuldade de encontrar pronomes não demarcados pelo gênero, o tradutor optou por não caracterizar o gênero na frase.

They don't see that the bomb and the war are the biggest jokes of all (p. 243).	Não percebem que a bomba e a guerra são as maiores de todas as piadas.
(The lion bites the lioness on the neck when they mate, an act of aggression that she accepts as affection.) (p. 249).	(O leão morde a leoa na nuca quando acasalam, um ato de agressão que ela aceita como afeição.)

No primeiro exemplo, há o apagamento do pronome e a omissão do gênero, sendo isso possível devido ao uso do sujeito desinencial. No segundo exemplo, inicialmente, é feita menção à leoa e ao leão. Sendo assim, o tradutor optou por não utilizar o pronome *eles*.

Um outro ponto a ser destacado é a questão do uso obrigatório do sujeito na sintaxe da língua inglesa, que em português pode ser omitido, por meio do emprego do sujeito desinencial,

o qual permite que não apareça o pronome relativo ao sujeito na frase, visto que o sujeito pode ser reconhecido através da desinência verbal. Seguem os exemplos:

<p>The alley is quiet. I manage to get to my feet and shuffle forward through the papers. My eyes are clouded, and I can just make out the dangling bedspread halfway down the alley. I make my way to it. I don't know why I've come here. I suppose I want to see. I want to know what has happened. That's all (p. 250).</p>	<p>O beco está silencioso. Consigo ficar de pé e fuçar nos papéis espalhados. Minha visão está turva, e posso apenas discernir a colcha pendurada no meio do beco. Consigo caminhar até ela. Não sei porque vim aqui. Suponho que queira ver. Quero saber o que aconteceu. Só isso.</p>
<p>When I was a child, my family visited the beach and I spent hours exploring the tidepools. Among the clumps of blue-black mussels and the black turban snails, I found the egg casing of a horn shark in a tidepool. It was spiral-shaped, like this egg, and when I held it to the light, I could see a tiny embryo inside. As I watched, the embryo twitched, moving even though it was not yet truly alive (p. 250).</p>	<p>Quando eu era criança, minha família ia para a praia e eu passava horas explorando as piscinas formadas pela maré. Entre os montes de mexilhões azuis e pretos e os caramujos do mar, encontrei a casca de um ovo de tubarão-pintado. Era espiralada, como este ovo, e quando o coloquei contra a luz, pude ver um minúsculo embrião dentro dele. Enquanto olhava o embrião se contraiu, movendo-se mesmo que ainda não estivesse vivo.</p>

Observei, nos exemplos acima, a omissão do sujeito *eu* em diversos momentos. No primeiro exemplo, nota-se a omissão do pronome em primeira pessoa oito vezes, sendo que não aparece o pronome *eu* nenhuma vez em um parágrafo completo. Esta estratégia causa, como efeito de sentido na versão em português, uma certa diluição do sujeito que está narrando sua história – a protagonista Katie, uma cientista, conforme já apontado –, o que, por sua vez, pode levar a um certo apagamento de sua agência enquanto sujeito da ciência. No segundo exemplo, identifiquei que apesar de o pronome *eu* ter sido omitido quatro vezes, ele aparece duas vezes no início do parágrafo, sendo assim, a omissão da voz da protagonista é menor, caso esse que não acontece no primeiro exemplo, em que o tradutor poderia ter pelo menos uma vez utilizado o pronome *eu*.

Tais reflexões podem ser utilizadas em sala de aula para estimular tanto o uso da literatura de língua inglesa como também pode servir como provocação acerca de questões de gênero e temáticas feministas emergentes. A/o professora/or ao elaborar uma atividade pode apresentar as especificidades que se perdem e que se ganham nas traduções. E, por conseguinte, promover um espaço para a formação crítica, possibilitando reflexões sobre estudos de gênero, estudos feministas e estudos de tradução, com o objetivo de motivar as/os alunas/os a serem sujeitos críticos e empiricamente atuantes.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao cotejar e analisar a tradução do conto “Love and Sex among the Invertebrates”, diante de uma perspectiva feminista, tomei como ponto de partida as dificuldades na tradução do inglês para o português, focando nas diferenciações da estrutura da língua inglesa e da língua portuguesa, sobretudo quando se trata de traduzir frases sem marcação de gênero no inglês, algo difícil de ser encontrado no português, por ser uma língua cujo uso privilegia o gênero masculino, como é o caso dos pronomes, conforme explicitarei.

Com base nesta investigação, foi possível observar a problemática na tradução dos pronomes da terceira pessoa no plural da língua inglesa para a língua portuguesa, pois no inglês os pronomes da terceira pessoa do plural são neutros, ou seja, não especificam gênero; e, em português, não os temos. Nestes casos, a marcação acontece no masculino, o que inscreve na linguagem o predomínio deste gênero.

Outro ponto que verifiquei, foi o fato de que o tradutor optou por não utilizar o pronome *eu*, em sua tradução, em todas as suas ocorrências, talvez para evitar repetições, já que a língua portuguesa conta com a possibilidade do uso do sujeito desinencial. No entanto, esse apagamento do pronome na primeira pessoa gera, por sua vez, uma certa supressão da voz da narradora protagonista, que se encontra em seus últimos dias de vida enquanto está tentando contar uma história. Neste caso, a estratégia de tradução resultou em um enfraquecimento desta voz. Diante disso, pude perceber esta supressão como um ponto negativo ao refletirmos sob uma ótica feminista.

Em suma, após a análise e o cotejo, é possível afirmar que o tradutor, durante o processo, não pode evitar o binarismo de gênero vigente na língua portuguesa, mesmo para tratar dos animais robóticos que habitam o espaço-tempo pós-apocalíptico da narrativa. Além disso, saliento o enfraquecimento da voz da cientista, o que resulta da opção de Furlanetto no tocante à exploração do sujeito desinencial da língua portuguesa, em contraponto à repetição do *I* da narrativa em primeira pessoa. Percebo, nesses dois casos, pontos que suscitam uma reflexão feminista sobre as práticas tradutórias. Nota-se, também, que o tradutor optou por não utilizar o pronome masculino em algumas frases, omitindo-o a partir da permissão do sujeito desinencial e em outros momentos, ocultou o pronome da terceira pessoa do plural, por uma questão de não possuir opções no português que o substituísse por um pronome neutro, assim como no inglês, em que há o pronome *they*. Houve assim, de modo geral, na tradução, uma preocupação com as construções de gênero inscritas na linguagem verbal.

As pesquisas e reflexões acerca dessas questões são mais amplas. Há uma notável tendência em se buscar saídas para a limitação da língua portuguesa. O tradutor em questão, Furlanetto, está trabalhando na tradução do romance *Woman on the Edge of Time* (1976), de Marge Piercy, cujo o processo de tessitura não apresenta marcação de gênero por *she/he*. Porém, é importante ressaltar que existem momentos em que é imprescindível a marcação de gênero para determinadas discussões, como neste estudo que iniciei discutindo a ausência de autoria feminina.

Acredito que as reflexões aqui sejam apropriadas para este trabalho de conclusão de um curso de licenciatura em Inglês. Tratei aqui de elementos relevantes para se pensar possíveis práticas de ensino-aprendizagem que considerem a abordagem da literatura produzida em língua inglesa. Para além disso, acredito que minhas reflexões contribuam com a defesa do emprego de atividades de tradução em aulas de língua inglesa no ensino básico e, acredito, em cursos livres. Atividades desse tipo permitem um olhar diferenciado para o modo como os idiomas português e inglês são influenciadas pela realidade das culturas em que circulam e como, em um processo de retroalimentação, podem ser pensadas para influenciar essas mesmas realidades. Essas considerações são de grande importância para mim, como pesquisadora, para graduandas/os em licenciatura, assim como, acredito, para docentes em serviço.

Além das questões ligadas ao fazer pedagógico, o estudo oferece outras duas contribuições. Focaliza as implicações das questões relacionadas à escrita de mulheres desde do início do século XX até os dias atuais, por um lado. Por outro, visibiliza a produção de literatura de autoria feminina, sobretudo ficção científica feminista, acentuando a importância e permitindo outras leituras da tradução.

É necessária a discussão sobre o masculino como o neutro, pois a partir dela podemos refletir sobre a presença da mulher na sociedade. No poema “Mito”, de Ruckeyser (2013), quando a Esfinge questiona o porquê de Édipo não ter se referido à mulher, ela está questionando a linguagem que coloca o homem como centro e a exclui, assim excluindo todas as mulheres. É de suma importância que esta discussão se prolongue para os âmbitos políticos, tendo em vista que a linguagem faz parte da construção social e política, o que provavelmente pode proporcionar uma revolução em todo o nosso sistema político, uma vez que teríamos um papel mais abrangente e incisivo de mulheres neste contexto.

REFERÊNCIAS

- ATWOOD, Margaret. *In other Worlds: sf and the human imagination*. New York: Anchor, 2011.
- ARROJO, Rosemary. *Oficina de Tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Editora Afiliada, 1999.
- AUGÉ, Marc. *Por uma Antropologia da Modernidade*. Tradução Bruno César Cavalcanti e Rachel Rocha de A. Barros. Maceió: Edufal, 2010.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Tradução Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BEAUVOIR, Simone de. Introdução. In: MCCANN, Hannah et al (Col.). *O Livro do Feminismo*. Tradução Ana Rodrigues. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.
- BURKE, Peter; HSIA, R. Po-chia. *A Tradução Cultural nos Primórdios da Europa Moderna*. Tradução Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- CAVALCANTI, Ildney. “A Distopia Feminista Contemporânea: um mito e uma figura”. In: Brandão, Izabel; MUZART, Zahidé (orgs.). *Refazendo Nós: ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Mulheres, 2003.
- CAVALCANTI, Ildney; PRADO, Amanda. *Mundos Gendrados Alternativamente: ficção científica, utopia, distopia*. Maceió: Edufal, 2011.
- CIXOUS, Hélène. “O riso da medusa”. Tradução Luciana Calado Deplagne. In: BRANDÃO, Izabel et al. *Traduções da Cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)*. Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017.
- COSTA, Cláudia de Lima. “Feminismo e Tradução Cultural: sobre a colonialidade do gênero e a descolonização do saber”. *Portuguese Cultural Studies*, 2012.
- CLUTE, John; NICHOLLS, Peter. *The Encyclopedia of Science Fiction*. London: Granada, 1979.
- FUNCK, Susana Bornéo. *Feminist Literary Utopias*. Florianópolis: UFSC, 1998.
- FUNCK, Susana Bornéo. Prefácio. In: CAVALCANTI, Ildney; PRADO, Amanda. *Mundos Gendrados Alternativamente: ficção científica, utopia, distopia*. Maceió: Edufal, 2011.
- FUNCK, Susana Bornéo. “Corpos Colonizados, Leituras Feministas”. *Crítica Literária Feminista: uma trajetória*. Florianópolis: Insular, 2016.
- KOLODNY, Annette. “Dançando no Campo Minado: algumas observações sobre a teoria, a prática e a política de uma crítica literária feminista”. Tradução Rita Terezinha Schmidt. In: BRANDÃO, Izabel et al. *Traduções da Cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)*. Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017.

LEANDRO, Analice. “Ficções Científicas, Utopias e Distopias de Autoria Feminina em Língua Inglesa – um recorte bibliográfico 1967–2010”. In: CAVALCANTI, Ildney; PRADO, Amanda. *Mundos Gendrados Alternativamente: ficção científica, utopia, distopia*. Maceió: Edufal, 2011.

LEITE, Marília Dantas Tenório. *Orlandos: um olhar feminista sobre as traduções de Virginia Woolf no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, 2017.

LIMA, Juliana Domingos de. “As Obras de Ficção Científica Escritas por Mulheres dos Séculos 17 ao 20”. *Revista Nexos* (online). 2018. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/03/15/As-obras-de-fic%C3%A7%C3%A3o-cient%C3%ADfica-escritas-por-mulheres-dos-s%C3%A9culos-17-ao-20>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

MURPHY, Pat. “Love and Sex among the Invertebrates”, 1990. In: DATLOW, Ellen (ed). *Alien Sex: 19 tales by the masters of science fiction and dark fantasy*. London: Grafton, 1990.

MURPHY, Pat. “Amor e Sexo entre Invertebrados”. Tradução Elton Furlanetto. [Inédita].

PAES, José Paulo. *Tradução, a Ponte Necessária: aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

PRADO, Amanda Priscila Santos. *Entre gênero, feminismo e utopia: reconfigurações da maternidade nas narrativas de Marge Piercy e Octavia Butler*. Dissertação [mestrado em Letras e Linguística: Estudos Literários]. Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2013.

RUKEYSER, Muriel. “Mito”. Tradução Enéias Farias Tavares. In: *Fragmentum*. N. 38, v. 2. Laboratório Corpus: UFSM., 2013, p. 41.

RUSS, Joanna. “What Can a Heroine Do? Or Why Women Can’t Write”. *To Write Like a Woman: essays in feminism and science fiction*. Bloomington: Indiana University Press, 1995.

SCHMIDT, Rita Terezinha. “Cultura e Dominação: pensando (d)as margens”. *Descentramentos/Convergências: ensaios de crítica feminista*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

SUVIN, Darko. “On the Poetics of the Science Fiction Genre”. In: ROSE (ed.). *Science Fiction: a collection of critical essays*. New Jersey: Prentice Hall, 1976.

VON FLOTOW, Luise. *Translation and Gender: translating in the ‘era of feminism’*. Manchester, UK: St. Jerome Publishing; University of Ottawa Press, 1997.

WOOLF, Virginia. *Um Teto Todo Seu*. Tradução Noemi Jaffe. São Paulo: Tordesilhas, 2014.